

AMADEU BAPTISTA

Boris Pasternak escreve os poemas de Jivago | Peter Paul Rubens, «A queda dos condenados»

(para Luís Aguiar)

Escolho a neve. E, no entanto, poderia optar
Pela transcendência, ou pelo caminho que vai dar
À floresta, ou até mesmo pelo alvoroço que agita
O coração quando, ao longe, se vê alguém que olha
Para trás, que olha insistentemente para trás.
Poderia optar pela discórdia, pela desmesurada narrativa
Da evolução do silêncio e os seus percursos, a sanha
Com que as alterações se expandem e esmagam a esperança,
Estas marcas no chão que preconizam a avalanche e o frémito
Com que os elementos se insurgem contra o que desdiz
O primitivo e o ícone a que lançamos as nossas orações,
Este recolhimento que nos designa e nós designamos
Em todas as tempestades, todas as aflições. Escolho
A neve, esta voz literal a perder de vista, este suporte
Onde é possível escrever e redarguir à angústia, porque estamos
Sozinhos na extensão da tundra e as árvores invectivam
O lento, o desmesurado, a carência, a solidão, o prazo a que fomos
Confinados na sucessiva derisão de estarmos vivos. O homem
Está aqui, parece que foge embora não fuja, está aqui
E espera a dimensão do que é excessivo, a caleche
Que o há-de levar deste ponto a outro ponto inverosímil,

A esse ponto a que é impossível aceder, o ponto
Onde o coração se divide e o amor se decide entre dois
Corações. O homem está aqui, onde a estrela marca
O caminho e a dissolução, está aqui e escreve poemas,
Pequenos romances negros que repetem na página sempre o mesmo
Sobrevivo pelo perigo de sempre, a mesma cautela,
Porque não ignora que no chão gelado se pode abrir uma cratera
Para cair, para capitular nas águas subterrâneas da invernia
Que as sombras brancas dos rios dissimulam. O desastre
Está atento aos erros mais insignificantes e mais íntimos,
À chegada provável do inaudito e do arrebatador, sem que se saiba
O espírito carrega os múltiplos ecos do mundo, a obstinada
Trama que o destino trabalha, os fios do desencontro, da impostura, do medo,
A estrada onde todos os vazios se reúnem entre o desavindo sossego
Do desassossego inflexível que mantemos. Ah, por assim ser,
Nada mais resta do que guardar tudo e tudo registrar na luz que houver,
No que de luminoso ainda mantemos, no que os olhos retêm da paisagem
Para que tudo se amplie, tudo reviva e exulte. Escolho a neve, a beleza.
O que daqui se avista aquece a manhã fria, é delicado como um gorjeio
De pássaro, por mais cansaço que haja sobre os ombros
É a esse indulto que devemos recorrer, a sede não se estanca,
Mas um poema é como o sussurro que os amantes trocam entre si,
O reconforto que os vem tanger, a música que escutam quando a cama
Range sob o frágil e poderoso vigor dos seus corpos
E o entretecido júbilo das suas almas gratas e extenuadas pelo ardor
Da entrega. Escolho a neve e alegro-me, escrevo por Jivago
O que é irrepetível, crio-lhe um espírito decidido a tudo,
Decidido ao milagre e à apostasia, à altura das aves, ao precipício
Onde as vozes se encontram, ao que os astros abrigam, ao que caiu
Ao poço e reluz lá no fundo, uma moeda, um pedaço de brisa
A desvanecer-se, uma faca, uma colher de prata. Digo na estepe
A palavra *felicidade* e é a fertilidade que anuncio, abro o fogo
E fica reconciliado o amor, escuto o meu silêncio e vejo tudo em flor,
Tudo fica magnífico como um resgate ou uma conquista de mim mesmo,
A abraçar as resplandecentes silhuetas das mulheres que Jivago ama,
Ou eu amo por ele, ou ele por mim ama. Escolho a neve, verso
A verso reconstruo a minha vida, a parte que a revolução quebrou,
A parte que este exílio não refaz, as várias somas

Que a poesia e a penúria pôs nos meus passos, na minha aura,
No meu canto interior, nesta glorificação do homem perseguido,
Crucificado. Não sei se pago o mal com o bem ou se pago o bem
Com o mal, professo o amor como única senda e único talismã,
Assim me animo, assim me alento, revigorado pela vodka,
A memória de Lara, a recordação de Toyna e do seu filho,
O semblante carregado de Jivago, sim, o seu semblante carregado
De nuvens e desgostos. Escolho a neve, esta respiração abrangente,
Os seus quadris côncavos e intensos, as suas manchas azuis
No arvoredo, a sua órbita em redor das casas, branca, fria, quente,
Inúmera, onde as sílabas cintilantes se estendem e a lua se abriga
Dos temporais. Quero sobre os móveis a brancura da neve, que encha
Os copos de cristal, e se deite na cama onde durmo, e que beije os meus lábios
Com a sua frescura de lâmpada e de verbena, de sal e de roseira. Quero-a
Nas grandes salas, dentro das cartas que o lacre encerra, nos tinteiros
De onde chega o fio que dá nome ao que nunca teve nome, no precipício
Que desafio e sobrevoou, esta viagem secreta com o que há
De mais sagrado em mim e nos outros, e na terra, e na melancolia.
Eu obedeco a ordens eternas, atendo ao que me dizem as entranhas,
Ao que paira sobre a minha cabeça, o que pulsa, o que avança
Como soco e patada, como ferida, como murro, como muro, o que me faz
Morrer de solidão abundante, onde tudo avulta, desenfreadamente,
Cinzas, papéis rasgados, flores, um intenso mistério de flores
Amarelas a cobrir os campos a perder de vista. Tenho os entes
Queridos todos dispersos e escolho a neve, viajo através
Da luminescência a saber que a tristeza não é a infelicidade,
Mas o travo que fica na língua quando um homem se perde de si mesmo
E se procura na longa pradaria, rodeado de solidão e de mistério,
De isolamento e de abismos. Escolho a neve e os seus trânsitos simultâneos
De luz, esta fita de luz que me ampara a cabeça e me leva daqui
Para ali, da cama ao pátio, da palavra ao silêncio, da vida à morte,
Deste manuscrito a esta declaração de amor que talvez ninguém vá
Ler, mas alguma coisa há-de acrescentar à beleza, à brancura, à memória
Que restar de mim, no longo hiato que decorreu entre aqui ter permanecido
Sem que alguma vez aqui tivesse estado.

**Peter Paul Rubens, «A Queda dos Condenados», cerca de 1620, Óleo S/
Tela. 286 X 224 cms**

(para José Miguel Braga)

Olho o quadro e espero. Olho de novo o quadro
E volto a esperar. Por mais que olhe, por muito
Que espere, o quadro nunca está onde espero
Que esteja. Sem que se movimente, o quadro movimenta-se
Num impulso subtil sob os meus olhos, a minha
Expectativa, a minha ansiedade, o meu modo de querer
Corroborar razões e disso estar aflito. Volto
A olhar e o quadro estremece. Não está, de novo,
No mesmo lugar onde o vi, onde o vejo agora.
Nunca está no lugar que ocupa, embora ocupe
Um vultuoso lugar de estremecimento. Não, não
Compreendo, isto é quase uma batalha, uma adversidade
Que me contradiz e supera. O quadro não pára de estremececer
E eu estremeço com ele. Por isso, sempre que o olho
O quadro não está no lugar onde o vejo,
Está mais perto de mim e porventura mais longe do meu olhar,
O quadro está num infinito de que nada sei,
De que nada se sabe. Aqui e ali, estremece para me perturbar.
Foi Peter Paul Rubens que, cerca de 1620, o pintou,
Diz-se que sobre um esboço feito em giz preto
E vermelho e uma tinta cinza, desenhado por
Um assistente da oficina. Agora o quadro está na antiga
Pinacoteca de Munique, mas é como se estivesse
Em todo o lado, como se cada uma das suas abrangências
Se impusesse a todos os olhares, os pios e os ímpios, os que querem
Entender como se tende a massa humana na crispação
De nunca sabermos do que nos adverte a arte
Quando nos deparamos com ela e com ela somos
Confrontados. Olho o quadro e espero. Olho de novo
O quadro e volto a esperar. Espero e espero sem que saiba
Por que tudo estremece à minha volta, por que estremece
Cada uma das figuras que o quadro representa, cada um
Dos corpos que o arcanjo Miguel, sob um raio de luz,

Precipita no abismo, num caudal contínuo. Olho o quadro.
Uma e outra vez olho o quadro e espero. Tento contar
O número de corpos que caem no vórtice, sem resultado.
Se um desaparece no tumulto, logo um outro corpo o substitui
Como se fosse sem fim a cegarrega do infortúnio
E a nenhum apelo pudesse a esperança alcandorar-se.
Este é um voo que a coação impele, uma queda a que nenhum
De nós será alheio, nenhum de nós deixará de interrogar
Se sobre a sua desolação o encontrar, sobre as suas
Derrogações, sobre as escarpas que tiver na vida.
Olhando o quadro nota-se que tem uma profundidade
Que ganha altura, que tem um ímpeto inexorável
Que entontece o coração, os corpos caem e somos nós a cair,
Somos nós a sofrer a expiação da espada do arcanjo,
Da crueldade divina, que tanto afirma amar-nos.
O quadro estremece, estremece sempre que o olho,
E não sei se sou eu que estremeço, se é o mundo
Que estremece por ele e por mim. Nunca está onde julgo
Que está, e é belo, e é terrífico, e enche-me de afrontas e de dúvidas,
Como se eu estivesse nele, como se também eu caísse
Para a cloaca do inferno, sujeito ao alvedrio de um anjo
Sumptuoso mas tirânico, sob o livre arbítrio de um deus déspota
E falaz. Aceito que Rubens tivesse finalizado este quadro
Dotando-o do rigor do seu talento. Aceito que tenha permitido
Que a exaustão pudesse ver-se, talvez como exemplo, talvez como
Reconhecimento de quanta fragilidade recai sobre os nossos ombros
Se somos sumariamente julgados no juízo que de nós é feito
Sem que as nossas razões sejam pesadas, contadas as nossas palavras
Inocentes. Aceito que ao tempo tudo indicasse
Que fosse o extravio a solução para a deriva,
Entre o bulício da reforma e da contra-reforma,
Com tantos assassinatos em presença, tantas mortes,
Tantas intrépidas traições, tanto dolo sobre a humanidade.
Aceito que Rubens elevasse a beleza ao desconcerto,
A este modo de ficarmos alucinados por tanta apoteose,
Tanto discernimento plástico sobre a tela, tanta excelência
A mostrar o que se não pode ou deve ver na derrisão
A que cada um de nós está exposto, como se mais nada

Houvesse, como se amanhã nada existisse. Mas fica-me
No olhar uma tontura, olho o quadro e espero, olho de novo
O quadro e volto a esperar. Dele chega uma luz
Que me faz estremecer, quanto mais
O olho mais o estremecimento me invade,
Mais a escuridão se aproxima, mais a queda é extensa,
Demorada, encantatória, sedutora, entorpecente para quem
Espera ter a alma tão limpa como as mãos, o espírito
Tão nítido como um fogo que se vê ao longe,
Uma casa e a sua luz no topo de uma montanha muito escura.
Olho o quadro e sinto-me estremecer, e comigo, quem sabe
Se por mim, o quadro estremece também, esplendoroso e frágil,
A fazer de mim não mais que um farrapo sem préstimo,
Um ente que veio ao mundo com menos serventia do que uma alfaia
Agrícola ou a vela de um navio. Presumo que estes corpos
Foram todos tirados do natural, como há época começou a ser hábito,
Mas penso que estes corpos são mais do que parecem
Ser sobre esta tela, estão a cair, a rebolar pela escarpa
Sob o contínuo escrutínio do arcanjo Miguel
Mas parecem luminosamente corajosos, ditosos sobre o acaso
Que lhes foi destinado, bem-aventurados sobre a queda,
Magníficos e mortais no desvelo que nos mostram, na coragem
Que se lhes adivinha, a carregar o castigo que lhes foi imposto
Sem que alguém queira indagar sobre a dor que os sitia,
O perdão que alguma benevolência poderia ter-lhes dado,
Alguma misericórdia, alguma graça possível.
Creio que estes corpos serão a primazia da sua humanidade,
Com os seus erros e as suas bondades, a sua fortuna e a sua desventura,
O maligno e o benigno a que tudo se reduz, aqui uma virtude,
Um defeito ali, já que é na perfeição que a imperfeição existe,
À imagem e semelhança de tudo o que criamos. A alta pintura
Faz-se pela graça repartida entre os mortais e há-de essa graça
Entender-se por sapiência, por letras gregas, latinas e hebraicas,
Pela muita ou pouca experiência que se tem, pela força do sangue
De quem vive, de quem olha, de quem espera e estremece
No quadro, olhando o quadro, olhando o mundo. A dor é poderosa,
A mortandade ilimitada, a criação magnânima. Ignoro se
Deus também poderá ter sido tirado do natural da sua intratável

Natureza, se o uso das línguas o pode descrever, se o sangue
Terá alguma vez oportunidade de responder ao que sujeita o homem,
Se também espera, se também olha, se também estremece,
Se também faz parte da queda, tal como a queda faz parte deste quadro.
Ignoro se Deus sabe ou não sabe perdoar e redimir,
Se a ideia que nos fez ter da astúcia que tem mais não é
Do que a reprodução exacta das sombras que o identificam,
Do que se diz ter gerado, do que nos proibiu sabendo que isso era bom.
Deus está omissos neste quadro, mas sem dúvida que está lá,
Está lá, como sempre, embaçado, inimputável, ausente, a desferir
Os seus golpes ominosos, as suas proezas execráveis. Assim condena
A quem ofende, sem que sequer estremeça pela sua própria criação,
Sem que olhe, de novo, sem que espere. E o mais é o infortúnio
Dos que olham e olham, e esperam e esperam, incrédulos
Da beleza deste quadro e da crueldade divina que nele se adivinha.
Olho o quadro e espero. Olho de novo o quadro
E volto a esperar. Olho o quadro e estremeço. Olho
Aqueles corpos indefesos que rolam pela escarpa,
Aqueles almas – e por uma vez fico a saber que amanhã
Não nos iremos encontrar no paraíso.

NOTA BIOGRÁFICA

Amadeu Baptista nasceu no Porto, a 6 de Maio de 1953. Publicou o seu primeiro livro, *As Passagens Secretas*, em 1982. Dos mais de quarenta livros publicados entretanto, destaca: *Poemas de Caravaggio*, Prémio Nacional de Poesia Natércia Freire, 2007 e Prémio Literário João Lúcio, 2008; *Açougue*, Prémio Espiral Maior, Espanha, 2008 e *Um Pouco Acima da Miséria*, Prémio de Poesia Cidade de Ourense, Espanha, 2013. Em 2017 publicou uma larga antologia, que comemorou os seus 35 anos de actividade literária, *Caudal de Relâmpagos*. É do corrente ano o seu último livro de poesia publicado: *Poeira Escura*, 2021. Mais recentemente recebeu o Prémio Literário Maria Amália Vaz de Carvalho (2021), pelo livro *Escrito na Grécia* (no prelo). Colaboração dispersa em jornais, revistas, livros colectivos e antologias nos seguintes países: Alemanha, Argentina, Áustria, Brasil, Canadá, Chile, Colômbia, Costa Rica, E.U.A., Espanha, França, Grã-Bretanha, Itália, Luxemburgo, México, Portugal, Roménia e Uruguai. Alguns dos seus poemas foram traduzidos para alemão, castelhano, catalão, croata, francês, hebraico, inglês, italiano, mandarim e romeno. É tradutor de poetas espanhóis, gregos e escandinavos.